Considerações acerca da ocorrência de estruturas com pronomes relativos na produção de alunos do Ensino Médio

Gabriela Ruggiero Nor[1]

RESUMO
O trabalho parte da observação da produção textual de alunos do Ensino Médio, realizada durante as práticas obrigatórias de estágio para a licenciatura em Letras. Verificou-se, nas aulas de Língua Portuguesa, a insistência na memorização de estruturas dissertativas, com enfoque na redação e a ausência de ensino de gramática. No entanto, a escrita dos alunos mostrou-se insatisfatória, principalmente no tocante às construções sintáticas com pronomes relativos. Durante as aulas ministradas pela autora, procurou-se diagnosticar as alternativas sintáticas em concorrência com a utilização de pronomes relativos em norma culta, e em seguida propor atividades que explicitassem a função do pronome na oração.
PALAVRAS-CHAVE: Ensino médio. Gramática. Pronomes relativos.

Considerations about the occurrence of structures with relative pronouns in the production of high school students
ABSTRACT
This paper is a result of the observation of High School students' textual production, performed during the compulsory internship for a teaching license in Literature. There was, in Portuguese Language classes, the insistence on memorizing essay structures, focusing on writing with no grammar teaching. However, students' compositions were unsatisfactory, especially regarding syntactic constructions with relative pronouns. During the classes taught by the author, there was an attempt to diagnose the syntactic alternatives in competition with the use of relative pronouns in standard cultivated norms, followed by activities that explicited the function of the pronoun in the sentence.
KEYWORDS: High school. Grammar. Relative pronouns.

Consideraciones acerca de la existencia de estructuras con los pronombres relativos en la producción de los estudiantes de secundaria
RESUMEN
El trabajo parte de la observación de la producción textual de estudiantes de escuela secundaria, realizada durante las prácticas obligatorias para la licenciatura en Literatura. Las clases de Lengua Portuguesa se caracterizaron por la insistencia en la memorización de estructuras de ensayos, con énfasis en la producción de redacciones, y la ausencia de enseñanza de gramática. Sin embargo, la escritura de los estudiantes fue insatisfactoria, especialmente en lo que respecta a las construcciones sintácticas con pronombres relativos. Durante las lecciones impartidas por el autor, se intentó diagnosticar las alternativas sintácticas en competencia con el uso de los pronombres relativos en la norma culta, y proponer actividades que explicaran la función del pronombre en la oración.
PALABRAS CLAVE: Escuela secundaria. Gramática. Pronombres relativos.

[1]Mestre em Literatura Brasileira pela USP. E-mail: gabriela.ruggiero@gmail.com

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido teve como ponto de partida a observação de aulas de Língua Portuguesa nas salas de 2ºs e 3ºs anos do Ensino Médio Escola Estadual A[2], em ocasião do estágio realizado durante o segundo semestre de 2009, como requerimento do curso de Licenciatura em Letras da Universidade de São Paulo.

A Escola Estadual **A** está localizada em São Paulo, na zona Sul, próxima ao Estádio Cícero Pompeu de Toledo (estádio do Morumbi). Os alunos que frequentam a instituição habitam áreas próximas, como Paraisópolis e bairros periféricos próximos à Avenida Francisco Morato. O colégio conta com salas de excelentes dimensões, cuja conservação, entretanto, deixa a desejar.

Com a diretora, foi acordado que a estagiária poderia acompanhar a professora **J.**, de Língua Portuguesa, durante a observação (40 horas / aula) e regência (20 horas / aula) nas salas de 2º e 3º anos do Ensino Médio. **J.** trabalha na escola **A** há seis anos.

Apesar de a diretora ter se mostrado receptiva, o mesmo não ocorreu com a professora acompanhada, que tentou, em diversos momentos, dissuadir a estagiária de realizar todas as horas necessárias. Por conta da insistência da estagiária, houve atritos na preparação do programa das aulas que seriam ministradas. Após o término da observação, **J.** se ausentou da maioria das aulas, deixando a sala a cargo da estagiária, situação que não havia sido prevista, mas que não prejudicou o andamento do estágio.

O ambiente da escola é desagradável, com muito barulho, cerca de quarenta alunos por sala e infraestrutura precária. A biblioteca tem um acervo considerável, que, entretanto, encontra-se desorganizado e disperso. Os professores entram atrasados para as aulas com frequência e na calçada do colégio podem ser vistos alunos jogando cartas e ouvindo música em horário de aula.

A observação de 40 aulas propiciou o diagnóstico de uma situação frequente nas salas de Ensino Médio em São Paulo: a priorização, em Língua Portuguesa, de atividades

[2]A escola não será identificada neste documento, por pedido da professora acompanhada durante o estágio.

de redação e leitura de texto, em detrimento de qualquer tentativa de abordagem formal da gramática da norma culta.

A situação presenciada tem como parte de suas origens a virada linguística pela qual passou o ensino de Língua Portuguesa no século XX, a partir dos primeiros estudos desta disciplina na década de 60 (ILARI, 1989). A revisão da noção de *erro* operada pelos linguistas, que detectaram normas diversas em concorrência entre falantes da mesma língua, fez com que a postura dos profissionais de Letras no tocante à gramática fosse lentamente mudando. Exercícios automáticos e análises exaustivas foram substituídos pelo trabalho com textos, inserindo a gramática em situações mais significativas e diminuindo a ocorrência de um ensino pautado na uniformização completa da língua – o que, pode-se afirmar, acarretava frequentemente manifestações de preconceito linguístico.

A expansão da rede de ensino brasileira nas últimas décadas também está relacionada a esta nova postura nos cursos de Língua Portuguesa, uma vez que as instituições públicas de educação passaram a receber alunos das mais diferentes realidades regionais e sociais, que traziam para a sala de aula suas próprias variantes linguísticas. Este quadro forçou a uma adequação das aulas de português, no sentido de promover uma aproximação da gramática que não eliminasse os falares dos alunos, validando os diferentes modos de expressão em vez de tentar a homogeneização da língua.

Embora todas essas etapas tenham sido positivas, a *interpretação* que a escola fez da proposta de ensino gramatical com base na linguística muitas vezes foi distorcida (ILARI, 1997). De maneira simplificada, confundiu-se a *mudança* na maneira de ensinar gramática com a *abolição* do ensino da norma culta, o que denota, de certo modo, uma postura reacionária, na medida em que nega aos alunos a possibilidade de movimentação em contextos linguísticos em que a norma culta é exigida, restringindo-os às suas variantes locais.

Contrapondo-nos à tendência de abolição do ensino de norma culta, nossa proposta é mostrar, através de atividades com um ponto concreto da língua, que existe espaço para um trabalho específico com a gramática sem que ela seja ensinada de maneira impositiva ou dogmática.

CARACTERIZAÇÃO DAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Após algumas horas de observação de aulas de língua portuguesa, tornou-se claro que o foco do trabalho realizado pela professora responsável era a produção de textos dissertativos. O objetivo principal consistia em fazer com que os alunos se acostumassem ao gênero específico da dissertação, respeitando sempre, no momento da escrita, a estrutura da redação. Em conversa com a professora acompanhada, foi possível explicitar quais os pontos de interesse da abordagem utilizada, como se pode ver abaixo:

1. Leitura de coletânea (citações, pequenos trechos, artigos) para elaboração de dissertação ou artigo de opinião;
2. Criar intimidade com a forma do texto a ser elaborado;
3. Sustentar argumentos e teses ao longo do texto, sem abandoná-los ou gerar contradições;
4. Incentivar o uso da linguagem formal, eliminando gírias, abreviações e marcas de oralidade.

A metodologia utilizada para tanto é a apresentação de um modelo de plano de texto, que os alunos devem formular toda vez que forem redigir uma dissertação. Este modelo consiste no seguinte esquema, exemplificado abaixo com o tema “aborto”:

Tema: Aborto

Questão polêmica: Aborto: legalizar ou não?

Título da dissertação: “A polêmica do aborto”

Tese: ser a favor / ser contra a legalização do aborto

Movimento argumentativo:

argumento 1 + exemplo 1

argumento 2 + exemplo 2

argumento 3 + exemplo 3 e contra-argumento, se houver

Conclusão: retomada da tese

Proposta de intervenção: soluções para o problema

O ensino de produção de texto é conduzido de tal modo que, pela insistência na forma a ser seguida, acaba deixando de lado questões relativas a outros pontos do ato da escrita, como a ortografia ou dificuldades com a sintaxe. Dessas últimas, elegemos como centro de nosso trabalho a questão dos pronomes relativos, o que se justifica na medida em que há, na produção de texto dos alunos, sentenças como:

1. *O Brasil é um país que os habitantes são felizes* (em vez de *O Brasil é um país cujos habitantes são felizes*).

2. *O político que se ouviu falar nas últimas eleições realmente não prestava* (Neste caso, a frase gera ambiguidade, uma vez que o sentido desejado pelo aluno seria aquele da frase "O político de quem/de que se ouviu falar nas eleições...". Entretanto, pela construção sintática com "que", sem preposição, pode-se entender que "O político que se ouviu (ouviu a si mesmo) falar nas últimas eleições..."; há, neste exemplo e em outros semelhantes, a necessidade de revisão de regência verbal, objetos indiretos etc. e seu uso com pronomes relativos).

3. *A escola tem professores que eu desaprovo a conduta deles.* (Em vez de: A escola tem professores cuja conduta eu desaprovo).

Já é assunto de discussão há algum tempo, na área de linguística, o gradual desuso de pronomes como *cujo* na fala informal de Português Brasileiro e sua substituição por "que" e outras estratégias sintáticas. O objetivo deste trabalho não é, de forma alguma, tentar eliminar este tipo de ocorrência, extremamente frequente, da fala dos alunos. O que se pretende é procurar, através das horas de regência, levar os alunos a um entendimento das relações sintáticas que os pronomes relativos estabelecem na frase. Isso, a nosso ver, poderá auxiliar não só na produção de textos em que se espera o uso da norma culta, mas também na leitura de textos literários e jornalísticos que amplamente continuam a utilizar as estruturas mencionadas, a despeito de seu progressivo abandono na fala ou em situações informais. Assim, procura-se respeitar o que faz parte das construções sintáticas dos falantes de PB, e ao mesmo tempo fornecer aos alunos ferramentas que facilitem a compreensão do funcionamento da língua dentro de padrões mais formais.

Ao elegermos este tópico como centro de nosso trabalho, sabemos que é bastante provável que as referidas ocorrências de apagamento de preposição diante do pronome relativo “que” e a preferência por estruturas que eliminem “cujo” sejam indícios de mudanças na língua. Ou seja, os fenômenos destacados não necessariamente assinalam equívocos, e não se propõe trabalhar de maneira a constranger os alunos a uma utilização pautada em regras da gramática culta. É razoável, entretanto, considerar que há, no português brasileiro, estruturas concorrentes para expressar relações sintáticas com o uso de pronomes. Uma maior familiaridade com o registro escrito expande o domínio do aluno sobre a língua e seus mecanismos, ampliando seu repertório linguístico sem prejuízo para a norma regional ou coloquial.

O trabalho feito na escola **A** não se centrou em todas as estruturas relativas: demos prioridade aos casos em que a gramática da norma culta prevê ocorrência de preposição antes do pronome, de acordo com a regência verbal, e às construções com o relativo *cujo.*

A PRODUÇÃO DOS ALUNOS

Num primeiro momento, antes de planejar as atividades nas quais se centraria a regência, foram lidas redações de alunos, de modo a identificar a ocorrência de construções sintáticas com pronomes relativos em desacordo com a norma culta. No quadro abaixo, podemos verificar alguns exemplos recolhidos:

Quadro 1 - Produção textual dos alunos

Construções com apagamento de preposição	**Construções com o uso de "que" em lugar de "cujo"**	**Construções que explicitam a função da preposição após o local em que ela deveria ocorrer ("variante do pronome resumptivo[3]")**
...o sentimento que eu mais gosto nas pessoas é a lealdade... (apagamento da preposição 'de' antes do pronome 'que')	*… na realidade, o estudante brasileiro que o objetivo é passar no vestibular deve procurar um cursinho...*	*…alguns políticos que a função deles era aumentar a qualidade de vida, fracassaram neste projeto...*
… alguns políticos que eu nunca votaria...('em')	*Os políticos, que a obrigação é nada mais, nada menos que garantir um emprego para a população,...*	*… em muitas tragédias, por exemplo, tem as pessoas que os filhos delas são assassinados e os políticos não reagem.*
… o político que meu pai falou no outro ano não cumpriu a promessa... (ambiguidade: apagamento da preposição 'de' ou 'com'?)	*… assim, podemos concluir que as pessoas que a ocupação é proteger, como a polícia, os bombeiros, por exemplo, entre outros...*	*… então, o cidadão que o voto dele vai para um político mal intencionado é tão culpado quanto os outros...*

*Fonte: Redações dos alunos do Ensino Médio da Escola **A***

No trecho abaixo, retirado das anotações do Diário de Campo – descrições sistemáticas das atividades observadas e orientadas, feitas pela estagiária – notam-se ocorrências semelhantes:

Aula 14 - 3° ano

Aula na mesma turma anterior (as aulas de DAC[4] sempre são duplas). Os alunos continuam desenvolvendo as atividades propostas: a leitura do texto e a redação do parágrafo.

Passando pelas carteiras, auxilio os alunos na escrita dos parágrafos. Alguns exemplos da produção da classe estão reproduzidos abaixo, sem alterações:

[3]Nomenclatura dada por Tarallo (1983) e consultada em KERSCH (2008, p. 53)
[4]*Disciplinas de apoio curricular*

> *O uso do* Guia do Estudante *tem suas vantagens e desvantagens. As vantagens são que o* Guia do Estudante *traz muitas informações organizadas no mesmo livro, então o aluno pode consultar os mais diversos assuntos com facilidade. Todos sabem que o aluno que o objetivo é passar em um exame vestibular precisa de organização e rapidez para os estudos. As desvantagens, por sua vez, são que o aluno pode pensar que apenas ler o* Guia *já garante que ele aprendeu tudo o que precisa.*

> *Tem algumas desvantagens no* Guia do Estudante, *elas são que às vezes, o professor usa ele e não prepara aula. Mas o* Guia do Estudante *é uma apostila interessante onde o aluno pode confiar, porque sempre as informações de atualidades, estão corretas. Tem os textos retirados de fontes como revistas por exemplo, que são importantes porque ao invez do estudante comprar muitas revistas ele só usa o guia, é mais prático assim.*

Os dados transcritos no *Quadro 1* e os exemplos de parágrafos produzidos pelos alunos mostram que a) há preferência por construções sintáticas que utilizem *que;* b) a estratégia de precisar o sentido da frase se dá, com frequência, com o uso de pronome resumptivo e c) é alta a ocorrência de apagamento da preposição. Esta última observação é interessante, uma vez que a regência verbal obedece a norma culta, na produção dos alunos, em sentenças em que *não* há uso de relativos.

PORTUGUÊS, NORMA CULTA: LÍNGUA NATIVA?

O trabalho de Dorotea Frank Kersch (2008), *Preposição diante do pronome relativo no Português Brasileiro e Europeu,* contou com um extenso *corpus,* do qual fizeram parte entrevistas do projeto ADDU-Norte (Atlas Linguístico Diastrático e Diatópico do Uruguai – luso falantes do lado uruguaio e do lado brasileiro) e do projeto NURC[5] de Porto Alegre. A respeito de uma das estruturas que mais desafio apresentou aos alunos acompanhados, a pesquisadora afirma que, de maneira análoga com relação a seu *corpus*,

[5]Projeto Norma Urbana Culta

> a construção relativa com *cujo* é desconhecida da maioria dos informantes, ao contrário daquela com *que,* informada como conhecida e usada pela maioria deles. Nota-se que somente os informantes dos grupos Ca (classe alta) dizem conhecer e usar a forma, à exceção de um informante do grupo Cb (classe baixa – informantes que cursaram apenas os primeiros anos da escola). Interessante observar que, quando os informantes de Ca dizem conhecer a construção com *que,* demonstram um juízo de valor em relação a esta estrutura. Essas observações nos levam a pensar em variação diastrática e diafásica para a construção relativa com *cujo:* parece ser aprendida na escola e ser usada ainda em alguns contextos mais formais. (KERSCH, 2008, p. 57)

Um pouco mais adiante em seu texto, lemos que

> No estilo pergunta / resposta, informantes da fronteira Brasil-Uruguai que pertencem aos grupos Cb (baixa escolaridade) identificam *cujo* como sendo espanhol e sugerem estruturas alternativas para *cujo,* tais como o uso de outro relativo, de coordenada aditiva ou de subordinada causal. (…) O apagamento da preposição diante do pronome relativo (cortadora) é a estratégia preferida por esses informantes, mas recomendam o uso da preposição ou o uso do pronome resumptivo para evitar ambiguidade. O conhecimento da função que o pronome relativo exerce na oração só se verifica entre os informantes de Ca, de escolaridade secundária ou superior, demonstrando que as relativas complexas são aprendidas na escola e em contato com material escrito. (IBIDEM, p. 70, grifos nossos)

De fato, quando comparadas às estruturas utilizadas não só pelos alunos mas pela maioria dos falantes de PB em situação informal, as sentenças que obedecem ao funcionamento da norma culta se assemelham a textos em língua estrangeira[6]. E a língua estrangeira é aquela que, desconhecida e de sentido obscuro, tem de ser *aprendida,* uma vez que não faz parte do cotidiano do falante, não consistindo, portanto, uso espontâneo.

A observação de Kersch a respeito de o contato dos falantes com estruturas preposicionadas ou complexas se dar em situação escolar nos ajuda a confirmar a

[6]Interessante notar que, em minha experiência com aprendizagem e ensino de língua francesa e língua inglesa, os alunos frequentemente questionem se "é verdade que eles [os estrangeiros] falam certo assim mesmo". Este tipo de pergunta é feita muito constantemente a professores de língua estrangeira, e é sintomático da grande diferença que há entre o português da gramática e o português efetivamente falado. Também demonstra que a noção de erro persiste no ensino de gramática. Para estes alunos, a língua que se aprende em livros não corresponde à realidade; assim, ao aprenderem regras gramaticais de línguas estrangeiras, têm medo de soarem arcaicos ou formais demais. Entretanto, falantes nativos de inglês não produzem sentenças como "I love he" em vez de "I love him", com pronome sujeito em posição de objeto, como é frequente em PB a frase "eu amo ele" em oposição a "eu o amo" (registro culto), entre diversos outros exemplos que mostram que, enquanto a gramática do português parece arbitrária e sem sentido, a gramática de outras línguas não raro encontra respaldo para suas especificações no uso corriqueiro.

hipótese de que a norma culta é, muitas vezes, uma língua estrangeira dentro do PB (da mesma forma que também o PE soa estrangeiro aos falantes do Brasil). É na escola, no momento de aquisição da educação formal, que o indivíduo se depara com construções diferentes dentro de sua língua. A partir daí, se o ensino de gramática visar à *compreensão* dos mecanismos da norma culta em vez de sua memorização, amplia-se o número de opções linguísticas do falante, que pode assim condicionar o uso das variantes dominadas diafasicamente, ou seja, segundo pede o contexto.

REGÊNCIA

Nesta seção, apresentamos de modo sintético as atividades desenvolvidas com os alunos, que visavam à assimilação de estruturas sintáticas com pronomes relativos de acordo com a norma culta. Todas as aulas foram ministradas a turmas do 3º ano do Ensino Médio.

O conteúdo foi passado progressivamente, de modo a eliminar pouco a pouco a estranheza causada pelos tópicos abordados. O primeiro passo foi uma sistematização breve das classes gramaticais que, longe de apontar para uma memorização, procurava somente atentar para algo que os alunos intuitivamente já sabem, como falantes de PB: a natureza das palavras não é idêntica. Isso nos pareceu necessário na medida em que o conceito “pronome” deveria ser fixado e trabalhado como um dado constitutivo da língua, e não como nomenclatura incompreensível. Desta primeira etapa, destacamos os seguintes passos:

Quadro 2 - Atividades iniciais com pronomes

1. As palavras são iguais?	**2. Para que serve um pronome?**	**3. Para que serve um pronome (ii)**
Objetivo: sensibilização dos alunos para as diferentes classes gramaticais, através de exercício de agrupamento de palavras de acordo com sua proximidade. Classificação das palavras de acordo com sua classe: substantivos, adjetivos, advérbios, pronomes etc., sempre discutindo os motivos da presença das palavras em cada conjunto formado.	Objetivo: verificar como os alunos construiriam sintaticamente frases a partir de palavras fora de ordem. Exemplos: a) o – brinquedo – pegou – a – meu – menina b) de – precisávamos – as – que – informações – com – o – diretor – estavam Observação de que o pronome estabelece sempre relação com um nome, e não com um verbo ou outra classe de palavras. Isto foi feito com substituições inusitadas do tipo: A menina pegou o meu brinquedo (OK) A menina pegou o meu correndo (?) Eu a levei ao cinema (OK) Eu levei a menina ao cinema (OK) Eu levei o vagarosamente ao cinema (?)	Objetivo: explicitar a relação entre as palavras das sentenças construídas na aula anterior. Demonstrar a relevância da utilização das preposições, através da discussão da regência de cada verbo que apareceu nas frases.

Fonte: Diário de Classe redigido pela autora, com preparação de aulas.

Terminada esta aproximação, passamos a exercícios práticos, sistematizados abaixo:

Quadro 3 - Pronomes relativos e preposições

Trabalhando com pronomes relativos	**Trabalhando com pronomes relativos (ii): regência verbal e preposições**	**Trabalhando com pronomes relativos (iii): cujo e variantes**
Objetivo: realizar atividade prática, em que os alunos deveriam juntar duas frases em uma só com a ajuda de um pronome. Não lhes foi oferecida nenhuma lista com pronomes relativos. Exemplo: Eu estudo na escola. A escola é grande. → A escola....	Objetivo: explicitar as relações entre pronomes relativos e preposições. Exemplo de exercício: desconstrução semântica e sintática das frases - Eu gosto de sorvete De qual / que doce você gosta? Eu gosto de sorvete. O doce de que gosto é sorvete.	Objetivo: explicar quando ocorre o uso de "cujo" em língua portuguesa, partindo de frases em que o pronome já aparece. Exemplo de atividade: **Eu vi a menina cujo irmão é médico** + explicitação das relações semânticas e sintáticas

Fonte: Diário de Classe redigido pela autora, com preparação de aulas.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Da primeira etapa

As orações desorganizadas apresentadas aos alunos como parte da aproximação da função do pronome foram as seguintes:

1. o – brinquedo – pegou – a – meu – menina

2. levei – ao – a – cinema

3. carta – entregamos – ela – a – a

4. é – de – mesa – que – estou – em – estudando – madeira

5. de – precisávamos – as – que – informações – com – o – diretor – estavam

6. das – precisávamos – as – quais – informações – com – o -diretor – estavam

7. precisávamos – informações – com – cuidado – as – nós

As primeiras três orações fora de ordem não apresentaram desafio aos alunos. Foi-lhes dado tempo para resolução do exercício individualmente, e depois a discussão e correção foram feitas na lousa, com a participação de todos. A sala chegou aos seguintes resultados:

1. A menina pegou o meu brinquedo (+ frequente) / O meu brinquedo a menina pegou (-frequente)
2. Levei-a ao cinema (+)/ A levei ao cinema (+)/ Ao cinema a levei (-)
3. Entregamos a carta a ela (+) (os alunos não aventaram outras estruturas possíveis para esta frase, como *A ela entregamos a carta*)

As frases seguintes geraram dúvidas, uma vez que a tendência de alguns alunos foi iniciar com:

1. A mesa que estou estudando é de madeira

(*em*?)

2. As informações que precisávamos estavam com o diretor

(*de*?)

Curiosamente, entretanto, a oração seguinte foi escrita pela maioria dos alunos de acordo com a norma culta:

3. As informações das quais precisávamos estavam com o diretor

O último grupo de palavras, por sua vez, deveria formar a frase *Nós precisávamos as informações com cuidado* ou *Com cuidado, nós precisávamos as informações,* sendo que, neste caso, o verbo *precisar* assumiria um sentido diferente daquele observado nas frases anteriores. Alguns alunos de fato chegaram a este resultado, mas se mostraram confusos quanto ao significado da frase. Segundo a opinião de alguns que se manifestaram, poderia estar faltando um *que* na frase, para que o resultado fosse *As*

informações que nós precisávamos com cuidado. Uma aluna disse que ainda assim, não faria sentido, porque desta maneira a frase ficava incompleta.

1. A menina pegou o meu brinquedo
2. Levei-a ao cinema
3. Entregamos a carta a ela
4. A mesa em que estou estudando é de madeira
5. As informações de que precisávamos estavam com o diretor
6. As informações das quais precisávamos estavam com o diretor
7. Nós precisávamos as informações com cuidado

Em seguida, foram discutidas as funções dos pronomes assinalados acima em cada frase. No caso (1), os alunos foram questionados: com que palavra "meu" *tem a ver*? A palavra "meu" diz respeito à menina ou ao brinquedo? Não houve dificuldade neste caso. Para os casos (2) e (3), a pergunta foi no sentido de pensar numa palavra que substituísse o pronome "a" e o pronome "ela". Os alunos sugeriram três opções para a frase (2):

Levei ela ao cinema

Levei [+ nome próprio feminino] *ao cinema*

Levei [+ substantivo feminino: a menina, a garota, a moça, a mulher] *ao cinema*

Para a frase (3), surgiram as hipóteses seguintes:

Entregamos a carta a [+ nome próprio feminino]

Entregamos a carta a [+ substantivo feminino]

Por meio das hipóteses dos alunos para as frases (2) e (3) e a facilidade, para a frase (1), em apontar que "meu" estava relacionado à palavra "brinquedo", a sala foi conduzida à conclusão de que os pronomes assinalados sempre estabeleciam relações com *nomes* (substantivos). Para deixar esta relação mais clara, foram propostas as seguintes substituições:

A menina pegou o meu correndo

A menina pegou o meu mas

A menina pegou o meu gritávamos

Nota-se que são hipóteses exageradamente desconexas, mas o objetivo era mostrar que um pronome possessivo deve necessariamente estabelecer relação com um nome, e não com um verbo, por exemplo. A mesma coisa foi feita para (2) e (3):

Levei entretanto ao cinema

Levei cansada ao cinema

Entregamos a carta a sorrindo

Entregamos a carta a calmamente

As mudanças nas sentenças foram eficazes: chegamos, portanto, à afirmação simples de que os pronomes vão estabelecer relações (vão "ter a ver") com nomes (substantivos).

Para as frases posteriores, o raciocínio se deu de maneira um pouco mais complexa. Abaixo das orações já escritas na lousa, adicionei:

4. A mesa em que estou estudando é de madeira

[estudar...]

5. As informações de que precisávamos estavam com o diretor

[precisar.....]

6. As informações das quais precisávamos estavam com o diretor

[precisar...]

7. Nós precisávamos as informações com cuidado

[precisar...]

O objetivo era discutir, para cada uma das frases, como o verbo se apresentava e o que o verbo pedia (ou seja, a regência de cada um dos verbos das orações). Isso tudo foi feito oralmente e de maneira coletiva; reproduz-se abaixo, de maneira geral, o raciocínio seguido para cada um dos casos:

- Estudar *alguma coisa.* Estudar *para uma prova.* Estudar *em algum lugar.* Na frase-exemplo: estudar (0[7]) *em algum lugar.* Estudar *em casa.* Estudar *em uma mesa* → "estou estudando em uma mesa de madeira". → *A mesa em que estou estudando é de madeira.*
- Precisar *de alguém / de alguma coisa.* Precisar *de você.* Precisar *de dinheiro.* Precisar *de informações* → "precisávamos de informações que estavam com o diretor" → *As informações de que precisávamos estavam com o diretor*
- Precisar *de alguém / de alguma coisa.* Precisar *da menina* (= precisar DE + A menina). Precisar *do salário* (= precisar DE + O salário) → de + artigo (exige concordância de gênero e número). → "precisávamos DAS informações que estavam com o diretor" → *As informações das quais precisávamos estavam com o diretor.*
- Precisar / substantivo *precisão*. "A professora exigiu respostas PRECISAS" = "Era necessário PRECISAR com cuidado as respostas". = verbo precisar *alguma coisa.* = do verbo precisar *de alguma coisa.* → *Precisávamos as informações com cuidado.*

Por meio da análise da regência verbal, foi viável para os alunos entender por que motivo, na norma culta, as preposições aparecem na estrutura das frases. Foi explicitado também que, como visto nas orações de estrutura mais simples, os pronomes continuam estabelecendo relações com os nomes. Apesar de os verbos terem sido usados para justificar o uso da preposição, não houve dúvida quanto ao fato de os pronomes "que" e "quais" dos exemplos referirem-se a nomes: mesa e informações, nos casos acima. Assim, tornou-se possível explicitar a função básica de um pronome: retomar, substituir ou estabelecer uma relação, sempre com um nome.

[7] Sem complemento verbal

Da segunda etapa

O quadro abaixo mostra os resultados obtidos a partir de um exercício aplicado de acordo com o seguinte modelo: *Ganhei um presente da minha namorada. Minha namorada mora em Florianópolis.* → Ganhei um presente da minha namorada que mora em Florianópolis. A coluna *Discussão* mostra qual raciocínio foi feito para explicar as relações que ocorrem na norma culta.

Quadro 4 - Exercício aplicado em sala de aula

Exercício	**Hipóteses dos alunos**	**Discussão**
Eu estudo na escola. A escola é grande.	A escola que eu estudo é grande A escola onde estudo é grande	Iniciamos a discussão pela frase (2), deixando a frase (1) por último, por se tratar do caso mais desafiador para os alunos: o uso do pronome cujo e variantes. Dessa forma, trabalhamos com o seguinte raciocínio: *Eu estudo na escola* *Eu estudo em casa* *Eu estudo na casa da minha avó* *Eu estudo no escritório do meu pai* *Eu estudo em São Paulo* *Eu estudo na praia* → explicitação da preposição EM e suas contrações EM + O = NO e EM + A = NA. Para introduzirmos um LUGAR, utilizamos a preposição EM. Portanto: *Eu estudo na escola. A escola é grande → A escola ____ que eu estudo é grande → A escola em que eu estudo é grande.* A hipótese com "onde", aventada pelos alunos, está de acordo com a norma culta. Assim, para falarmos de lugar, podemos tanto utilizar em + local ou onde. Afinal, para os exemplos anteriores, é possível pensar na pergunta: ONDE VOCÊ ESTUDA? *Eu estudo na escola* *Eu estudo em casa* *Eu estudo na casa da minha avó* *Eu estudo no escritório do meu pai*

		Eu estudo em São Paulo *Eu estudo na praia*
Fui ao show da banda. Sou fã da banda.	Fui ao show da banda que eu sou fã	Já para as frases (3) e (4), o raciocínio foi o seguinte: • Qual questão faz mais sentido entre as duas abaixo? A . Você é fã Aerosmith? B . Você é fã do Aerosmith? • Os alunos foram unânimes em dizer que a questão (B) fazia mais sentido, porque somos sempre fãs DE alguma banda, DE algum artista • Foram apresentados os seguintes exemplos, em seguida: A . O artista de que(m) sou fã fará uma apresentação amanhã B . Fui ao jogo só para ver o jogador de que(m) sou fã • Discussão: de que(m) está retomando quais palavras nos exemplos? Explicitação. • Quem é fã é sempre fã DE..... → Fui ao show da banda de que sou fã.

Fonte: Diário de Classe redigido pela autora, com preparação de aulas.

Já no caso do pronome *cujo*, o exercício feito foi diferente:

Quadro 5 - Atividade aplicada com o pronome "cujo"

Eu vi a menina cujo irmão é médico	Eu vi alguém. Eu vi a menina. O irmão dessa menina é médico. Quem eu vi? Eu vi a menina. Qual a relação entre *a menina* e *médico*? O irmão dela é médico. De quem é o irmão? Da menina. Que informações temos a repeito do irmão? Ele é médico. → Eu vi a menina. O irmão dela é médico. → Eu vi a menina CUJ(O) IRMÃ(O) É MÉDIC(O) [as marcas de gênero foram explicitadas para mostrar que o pronome concorda com o substantivo acompanhado]
Eu vi a menina cuja irmã é médica	Mesmo raciocínio anterior, mostrando que neste caso temos uma palavra feminina (irmã). O mesmo é feito com as frases seguintes.
Lemos o livro cujo autor é argentino / Lemos o livro cuja autora é argentina	Lemos alguma coisa. O que lemos? Lemos o livro. O que sabemos sobre o livro? O escritor do livro é argentino. O que sabemos sobre o escritor? Ele é argentino. De quem é o livro que lemos? O livro que lemos é de um escritor argentino. → Lemos o livro. O escritor do livro é argentino. → Lemos o livro cujo

	escritor é argentino.
Lição de casa: (desenvolver o mesmo raciocínio observado em sala de aula, passo a passo)	Premiaram o jogador cujo gol resultou na vitória do time Premiaram a jogadora cujo gol resultou na vitória do time Esta é a sala cujos alunos farão prova dia 23. Esta é a sala cujas alunas farão prova dia 23.

Fonte: Diário de Classe redigido pela autora, com preparação de aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto nas seções anteriores deste trabalho, foi possível verificar que as estruturas relativas do português como previstas pela norma culta não fazem parte, em sua maioria, das estratégias de fala dos alunos. Entretanto, como foi observado, as construções preposicionadas ocorrem em perfeito acordo com a norma em contexto de frase sem pronome relativo. Assim, entende-se que o *sentido* previsto pela regência verbal está preservado em PB e, portanto, o uso da preposição ligado a um pronome é compreendido pelos alunos quando sua relação e relevância são explicitadas.

A proposta adotada pela escola para as aulas de Língua Portuguesa não contempla o ensino de gramática. A despeito da insistência na produção de textos, centro da abordagem da professora acompanhada, os alunos não apresentam resultado satisfatório nas redações. Posicionando-se contra o ensino dogmático da norma culta, chega-se a outro extremo, que é a eliminação desta parte da linguagem dos currículos escolares.

Por mais que a gramática não deva consistir no foco do ensino de língua, ela oferece instrumentos válidos para que o aluno possa não só produzir de acordo com o que se espera em muitas situações – adequação à norma culta – como também *identificar* e *compreender* estruturas em desvio com a norma coloquial, ampliando, portanto, o repertório linguístico para a leitura e para a comunicação. Uma hipótese que, em nosso caso, se mostrou produtiva para o Ensino Médio foi a aproximação da gramática a partir da ideia de que a norma culta constitui uma espécie de língua à parte. Assim, elimina-se o constrangimento do aluno, pois admite-se que há construções que podem soar artificiais, mesmo fazendo parte do português.

REFERÊNCIAS

ILARI, Rodolfo. **Linguística e Ensino da Língua Portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____ . **Por que (não) ensinar gramática na escola.** In.: *Educação e Sociedade,* ano XVIII, no. 60, dezembro / 2007.

KERSCH, Dorotea Frank. **Preposição diante do pronome relativo no Português Brasileiro e no Português Europeu.** In.: *DELTA*: Documentação de Estudos de Linguistica teórica aplicada vol 24, no. 1 2008 pp. 51-72

RIOLFI, Claudia et al. **Ensino de Língua Portuguesa.** São Paulo: Thomson Learning, 2008.